

O sacerdote judeu e a rebelião escrava na moral: uma análise sob o ponto de vista das reflexões de Nietzsche

Rodrigo Rocha¹

Resumo: O artigo tem por objetivo fazer alguns apontamentos acerca daquilo que Nietzsche denomina a “rebelião escrava na moral”. Para tanto, a exposição terá como foco a figura do sacerdote judeu, seus instrumentos de poder, e sua obra. Trata-se de uma tentativa de localizar e indicar historicamente este movimento no qual Nietzsche identifica a emergência de uma interpretação metafísico-teológica da história de Israel, com a qual o sacerdote põe em cena um mecanismo de pensamento onde a história dos hebreus, em especial a época do declínio, é interpretada como punição por desobediência a Deus. Com este gesto, de acordo com filósofo, o sacerdote inicia um processo onde gradativamente a realidade é despojada de sua inocência, sendo instituída em seu lugar, concomitantemente, uma “ordem moral do mundo”.

Palavras-chave: culpa, castigo, moral, sacerdote.

Abstract: The article aims to make some considerations about what Nietzsche called “the slave-rebellion in the moral”. To this end, the exposition will focus the figure of the Jewish priest, his power instruments, and his work. This is an attempt to identify historically this movement, in which Nietzsche identifies the emergency of a metaphysical-theological interpretation of Israel history, with which the priest creates a mechanism of thought where the history of the Hebrews, especially in the time of the decline, is interpreted as a punishment for disobedience to God. With this action, according to Nietzsche, the priest begins a process where the reality is gradually disposed of its innocence, being established in its place, concurrently, a moral order of the world.

Key words: fault, punishment, moral, priest

O período da filosofia de Nietzsche que se segue com a publicação de seu *Assim Falou Zaratustra* (1883/85) é marcado por uma reflexão polêmica acerca dos valores morais vigentes na Europa moderna. Esta problemática em torno da questão da moral é de suma relevância para as pretensões críticas que orientam o desenvolvimento das reflexões maduras de Nietzsche, as quais consistem numa tentativa ousada de promover uma *tresvaloração de todos os valores* (*Umwertung aller Werte*). Com efeito, uma das exigências capitais que se coloca com este projeto crítico do filósofo é a de fazer uma avaliação histórico-genealógica da moral cristã, haja à vista o poder e hegemonia que esta última alcançou no Ocidente em dois milênios de história.¹ O filósofo encarrega-se deste empreendimento lançando mão da hipótese segundo a qual o “cristianismo pode ser entendido unicamente a partir do solo em que cresceu — ele *não* é um movimento contra o instinto judeu, é sua própria conseqüência, uma inferência mais em sua lógica apavorante.” (NIETZSCHE, 2007, p. 29).

Interessa-nos, pois, fazer uma delimitação e uma caracterização de alguns dos procedimentos

interpretativos através dos quais, de acordo com o filósofo, é operada uma desnaturação dos valores da tradição hebraica. Tratar-se-á de fazer uma aproximação acerca deste processo através de um cotejamento com algumas passagens dos documentos que constituem o *Antigo Testamento*. Nossa intenção, aqui, *não* será propriamente a de fornecer, através de um cruzamento dos textos do filósofo com os textos bíblicos, elementos para fundamentação das teses de Nietzsche sobre a proveniência do cristianismo, tampouco de reconstituir e estabelecer períodos da história de Israel a partir das reflexões do filósofo, mas apenas de indicar e, se possível, esclarecer alguns pontos de ligação entre as hipóteses psicológicas e as hipóteses históricas de Nietzsche, as quais são articuladas tanto em seus ensaios de psicologia que compõem a *Genealogia da Moral* (1887),² quanto na refutação histórica do Cristianismo, decretada em *O Anticristo* (1888).³ Por essa via, pretendemos fornecer uma

¹ Sobre esta questão, cf. ROCHA, R *Sobre o problema da moral no pensamento de Nietzsche: apontamentos*. In: *FILOGENÊSE: Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia*, v. 2, n. 2, pp. 27 – 41, 2009.

² “As três dissertações que compõem esta genealogia são, quanto a expressão, intenção e arte de surpresa, talvez o que de mais inquietante até agora se escreveu (...). Três decisivos trabalhos de um psicólogo, preliminares a uma tresvaloração de todos os valores. — Este livro contém a primeira psicologia do sacerdote.” (NIETZSCHE, 2008, p. 93).

³ “Eu declaro o cristianismo a grande maldição, o grande corrompimento interior, o grande instinto de vingança, para o qual meio nenhum é suficientemente venenoso, furtivo,

breve caracterização daquilo que Nietzsche denomina a “rebelião escrava na moral”, compreendendo alguns dos principais meios de realização desta última a partir das crises e tragédias que assombraram Israel com a destruição do templo de Jerusalém (586 a.C.), e de sua extensão, posteriormente, com a ascensão da casta sacerdotal judaica à liderança do povo.⁴ Com isso, tentaremos fornecer alguns esclarecimentos acerca daquele “solo judaico” em referência ao qual Nietzsche acredita ser possível uma compreensão do Cristianismo e, em especial, da moral cristã.

No capítulo 25 de *O Anticristo*, Nietzsche inicia a indicação de uma seqüência de fatos da história de Israel, através dos quais se constitui, segundo ele, uma ‘inestimável’ e ‘típica’ história da *desnaturação* dos valores naturais⁵. Tendo em vista a importância das informações trazidas por tais indicações, sobretudo no que diz respeito à tentativa de se desvelar a historicidade desta desnaturação dos valores, cumpre ressaltar, primeiramente, o fato de tais indicações terem sido fortemente influenciadas pela freqüentação de Nietzsche aos escritos de Julius Wellhausen (1844-1919), teólogo e orientalista contemporâneo do filósofo. Nos “fragmentos póstumos” de Nietzsche essa influência pode ser atestada num fragmento onde aparecem algumas anotações retiradas de uma das obras de Wellhausen, intitulada *Prolegômenos à história de Israel* (1883). Indicaremos, na seqüência, alguns trechos deste fragmento, os quais poderão nos servir de pano de fundo para a compreensão de alguns aspectos da interpretação que Nietzsche faz daquele movimento desnaturação dos valores morais.

Acerca do momento em que se dá a ascensão da casta sacerdotal judaica à liderança do povo, a saber, no período pós-exílico (a partir de 538 a.C.), encontram-se, por exemplo, as seguintes anotações:

A restauração de um verdadeiro Estado era impossível; o domínio estrangeiro não permitia. Ali,

subterrâneo, *pequeno* — eu o declaro a perene mácula da humanidade...” (NIETZSCHE, 2007, p. 80).

⁴ Não pretendemos sustentar que a “rebelião escrava na moral” tenha seu *começo histórico* propriamente no referido período. Nossa intenção é o de cruzar algumas considerações de Nietzsche com algumas passagens dos documentos bíblicos, de modo apenas a melhor situar e compreender o sentido da problematização dos valores morais trazida pelo filósofo, a qual coloca o judaísmo e o sacerdote judeu e sua obra como o terreno baixo sobre o qual tornou-se possível o advento do Cristianismo.

⁵ “A história de Israel é inestimável, como história típica da *desnaturação* dos valores naturais (...)”. (NIETZSCHE, 2007, p. 30).

demonstrou-se a importância das instituições (...). A antiga comunidade da época dos reis tinha má reputação entre os homens da restauração: evidentemente, Iahweh a havia *reprovado* (...). As festas haviam perdido toda memória da colheita e do pastoreio, haviam se transformado em dias de lembranças históricas; *negam sua procedência da natureza*, celebram a instituição de uma religião sobrenatural e dos atos de piedade de Iahweh. (...) *Não introduzem mais a divindade na vida terrena, de modo que participe das alegrias e sofrimentos desta* (...). O culto, um exercício da beatitude divina, nenhuma *significação natural*, apenas uma significação transcendente, inigualável e inacessível. Seu efeito principal, a *expição*. A partir do exílio aquela *consciência do pecado* é permanente; Israel é *rechaçado* da face de Deus (...). O valioso para as oferendas *não* está nelas mesmas, mas na *obediência* aos preceitos (...). (*grifo nosso*).⁶

Estas e outras passagens que compõem o referido fragmento, como se verá, estão claramente refletidas — embora com ela não se confunda em seu sentido próprio — nas indicações acerca daquele processo de desnaturação dos valores apresentadas por Nietzsche em *O Anticristo*. De início, o filósofo destaca a relação originária existente entre Iahweh e a ordem natural do mundo:

Originalmente, sobretudo na época dos reis, também Israel achava-se na relação *correta*, isto é, natural, com todas as coisas. Seu Javé era expressão da consciência de poder, da alegria consigo, da esperança por si: nele esperava-se vitória e salvação, com ele confiava-se na natureza, que trouxesse o que o povo necessitava — chuva, principalmente. Javé é o deus de Israel e, *por conseguinte*, deus da justiça: a lógica de todo povo que está no poder e tem boa consciência. No culto festivo se exprimem esses dois lados da auto-afirmação de um povo: ele é grato pelas grandes vicissitudes mediante as quais subiu ao topo, ele é grato no tocante ao ciclo anual das estações e à boa fortuna na pecuária e agricultura (NIETZSCHE, 2007, p. 30).

⁶ „Die Wiedererrichtung eines wirklichen Staates war unmöglich; die Fremdherrschaft ließ eine solche nicht zu. Da zeigte sich die Wichtigkeit der Institutionen (...). Das alte Gemeinwesen der Königszeit stand bei den Männern der Restauration in schlimen Rufe: ersichtlich war es durch Jahve *verworfen* (...). Die Feste haben alle Erinnerung an Ernte und Viehzucht verloren, sie sind zu historischen Erinnerungstagen geworden; sie verleugnen ihre Herkunft aus der Natur, sie feiern die Stiftung einer übernatürlichen Religion und der Gnadenthaten Jahve's. Das allgemein Menschlichen, das Freiwüchsige geht davon, die warden staturisch und spezifisch israelitisch... Sie ziehen nicht mehr die Gottheit ins irdische Leben, daß sie an dessen Freud und Leid theilnehme, sie sind keine Versuche mehr, ihr etwas zu Gute zu thun und sie gnädig zu stimmen (...). Der cult eine übung der Gottseligkeit; keine natürliche sondern nur eine transcendente, unvergleichliche und unangebbare Bedeutung. Seine Hauptwirkung die *Sühne*. Seit dem Exil ist das Sündenbewußtsein permanent; Israel von Gottes Angesicht *verworfen* (...). Das Werthvolle in den Darbringungen nicht in ihnen selbst, sondern im *Geborsam* gegen Vorschriften (...).” (NIETZSCHE, 1980, Fr. 11[377], Band XIII, p. 169).

Em consonância com estas considerações, pode-se dizer ainda, conforme consta nas anotações de Nietzsche, que “somente mediante a instauração da realeza alcançava uma nação uma unidade, uma autoconsciência coletiva (...). O Estado civil era o *milagre*, era “a ajuda de Deus”⁷. Iahweh, que havia conduzido e protegido o povo de Israel até que este alcançasse a terra prometida, que escolhera o servo Davi, prometendo-lhe reinado eterno – o qual deveria ser definitivamente estabelecido quando da consumação da obra (templo) que viria a ser realizada por um descendente de sua linhagem (Salomão)⁸ – encontrava-se então, como quer o filósofo, numa relação “*correta*, isto é, natural, com todas as coisas”; a expressão de seu poder era, neste sentido, inseparável da autonomia conquistada por Israel⁹, bem como das condições através das quais foi possível sua ascensão.

Esse estado de coisas permaneceu ainda como ideal, também após ter acabado tristemente: anarquia no interior, os assírios no exterior. Mas o povo reteve, como desiderato supremo, a visão de um rei que era bom soldado e juiz severo: sobretudo aquele típico profeta (ou seja, crítico e satirista do momento), Isaías. — Mas toda esperança foi frustrada. O velho Deus já não *podia* fazer o que fazia antes. Deviam tê-lo deixado. Que aconteceu? Mudaram seu conceito — *desnaturaram* seu conceito: a esse custo o mantiveram. (NIETZSCHE, 2007, pp. 30-1).

De acordo com as análises de Julius Wellhausen, pode-se dizer que “a teocracia, como

⁷ „durch die Aufrichtung des Königthums gab es erst eine Nation, eine Einheit, ein Gesamt-Selbstbewußtsein (...). Der bürgerliche Staat war *Wunden*, war „die *Hülfe Gottes*.“ (...)“ (NIETZSCHE, 1980, Fr. 11[377], Band XIII, p. 169).

⁸ No livro de Samuel, que trás a promessa de reinado eterno à linhagem davídica – a qual seria, posteriormente, aplicada pelo Cristianismo ao contexto de Cristo – Iahweh, através de Natã, teria dito: “(...) Eu estive contigo por onde ias e destruí todos os teus inimigos diante de ti. Eu te darei um grande nome como o nome dos grandes da terra. Prepararei um lugar para o meu povo Israel, e o fixarei para que habite nesse lugar e não mais tenha de andar errante, nem os perversos continuem a oprimilos como antes, desde o tempo em que instituí juizes sob o meu povo de Israel: eu te concedi o repouso diante de todos os teus inimigos. Iahweh te anuncia que ele te fará uma casa. E quando os teus dias estiverem completos e vieres a dormir com teus pais, farei permanecer a tua linhagem após ti, aquele que terá saído das tuas entranhas e firmarei a sua realeza. Será que ele construirá uma casa para o meu Nome, e estabelecerei para sempre o seu trono.” (SAMUEL 2, 2006, cap. 7, vv. 8-13, p. 440).

⁹ No que diz respeito ao processo de ascensão de Israel, “os historiadores situam o Êxodo entre os séculos XV e XIII antes de nossa era: de qualquer modo, ao acontecimento seguiu-se a conquista da Terra de Canaã pelas tribos de Israel comandadas por Josué. A estes sucederam os Juizes (*Sboffetim*) (1200-1030). As necessidades da conquista, a passagem à vida sedentária, o primeiro contato com os cultos de Moab e de Canaã puseram em grande perigo a obra mosaica. O profeta Samuel, ao sagrar Rei Saul (1030), restaura a unidade nacional; o Rei Davi e o Rei Salomão (1010-970) conduziram Israel ao apogeu de seu poder.” (CHOURAQUI, 1963, p. 17, *grifo nosso*).

os profetas a imaginaram, não é substancialmente diferente do Estado político (...); ao contrário, ela está na mesma base que aquele e é apenas a idéia do mesmo. Isaías deu a esta idéia sua forma clássica, nas imagens do futuro que se acostumou chamar profecias messiânicas.”¹⁰ Contudo, no período que se segue com a divisão do reino, “as rivalidades dos reinos de Israel (capital Samaria) e de Judá (capital Jerusalém) deviam levar o primeiro à ruína e ao exílio na Assíria (721), o segundo à dominação da Babilônia, à primeira destruição do Templo e de Jerusalém (586) e ao cativo da Babilônia (586-536).” (CHOURAQUI, 1963, p. 17). Este fim trágico da dinastia davídica veio a instalar em Israel uma série de crises não apenas sociais e econômicas¹¹, mas também uma crise no *sentido* da tradição hebraica. Neste ponto, de acordo com a indicação de Klein, pode-se sustentar que “a destruição do templo pusera Deus em questão: ou havia divindades mais poderosas ou superiores a Javé, ou por alguma razão Javé tinha rejeitado o seu povo e o seu lugar.” (KLEIN, 1990, p. 14, *grifo nosso*). O surgimento desta questão – pode-se supor – foi da mais profunda significação para um “povo santo”, que via o centro de sua vida religiosa e política esvaindo-se em fogo, destruído por seus inimigos.¹²

Gostaríamos de sugerir, aqui, que a *desnaturação* do conceito de Deus, à qual Nietzsche se refere, pode ser apreendida – através de uma aproximação entre as reflexões do filósofo e a base documental oferecida pelos relatos bíblicos – como um movimento de reação ao estado de anarquia e angústia gerado pela derrubada da dinastia davídica, o qual veio escancarar o problema do *sentido* de todo o *sofrimento* que se abateu sobre o povo de Israel no período de exílio e com a destruição do templo de Jerusalém. Neste movimento, pelo qual se dará a reativação da tradição hebraica, podemos encontrar uma prefiguração de alguns dos principais procedimentos de interpretação utilizados pelo sacerdotal judeu, cujo feito principal, de acordo com

¹⁰ „Die Theokratie, wie die Propheten sie sich vorstellen, ist nicht artverschieden von dem politischen Gemeinwesen (...); sie beruht vielmehr auf den selben Grundlagen wie jenes und ist eben nur die Idee des selben. Ihre klassische Ausbildung hat Jesaias dieser Idee gegeben, in den Zukunftsbildern, die man messianische Weissagungen zu nennen sich gewöhnt hat.“ (WELLHAUSEN, 2001, p. 413).

¹¹ “O Israel exílico era nação derrotada, que perdera sua independência, sua terra, sua monarquia, seu templo. Houve grandes sofrimentos e muitos mortos, sendo difícil imaginar que a economia não fosse totalmente caótica. O exílio trouxe inúmeros problemas físicos e socioeconômicos.” (KLEIN, 1990, p. 13).

¹² “(...) o templo era o símbolo tangível da eleição do povo e lembrança das ações infalíveis de Deus na história a seu favor.” (KLEIN, 1990, p. 14).

Nietzsche, “foi entrelaçar *culpa e infelicidade* e reduzir toda culpa a *culpa diante de Deus*.”¹³

Na época pós-exílica de Israel, por ocasião do Edito de Ciro (538 a.C.)¹⁴ – que autorizava a libertação dos judeus e a reconstrução do Templo em Jerusalém¹⁵, o que acabou por viabilizar o nascimento do judaísmo como instituição religiosa¹⁶ – fazia-se necessária uma reativação da identidade nacional e religiosa de Israel, pois “(...) o cativo da Babilônia durou pouco (586-536), mas pôs termo tanto à pureza das transmissões tradicionais, cuja continuidade o Templo de Salomão assegurava, como à autonomia política do povo judeu.” (CHOURAQUI, 1963, p. 19). Aqui se revela, com efeito, o valor das instituições, e, no âmbito destas, mostra-se viável, também, uma restauração abstrata, *artificial*, de Israel. “Quando o reino desmoronou, no estamento dos sacerdotes estavam disponíveis os elementos para a organização da “comunidade”. Ali já estavam, no essencial, os costumes e as prescrições: se sistematizaram, como meios para preparar uma organização *do resto* (...).”¹⁷ Contudo, o

culto se transformaria no centro da prática religiosa¹⁸ e, com isso, o sacerdote ganhou definitivamente em importância e se tornou mesmo imprescindível.¹⁹

Os livros de Esdras²⁰ (escriba encarregado dos negócios judaicos na corte da Pérsia) e de Neemias (copeiro de Artaxerxes), que “são quase nossos únicos documentos da história de Israel, no decorrer dos séculos obscuros após o exílio” (ABADIE, 1998, p. 5), descrevem os principais acontecimentos e a mentalidade dos anos que se seguem com a libertação do cativo da Babilônia. Alguns relatos destes dois livros nos servirão aqui de base para uma ilustração dos procedimentos de interpretação através dos quais se institui aquele processo de desnaturação do Deus de Israel.

¹³ „[...] *Schuld und Unglück* zu verflechten und alle Schuld auf *Schuld an Gott* zu reduzieren.” (NIETZSCHE, F. 1980, Band XII, Fr. 10[79](200), p. 500).

¹⁴ “No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para cumprir a palavra de Iahweh pronunciada por Jeremias, Iahweh despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, que mandou proclamar de viva voz e por escrito, em todo o seu reino, o seguinte: “Assim fala Ciro, rei da Pérsia: Iahweh, o Deus do céu, entregou-me todos os reinos da terra e me encarregou de construir um templo em Jerusalém, na terra de Judá.” (ESDRAS, 2006, cap.1, vv. 1-2, p. 628).

¹⁵ “Apesar da ordem e do apoio de Ciro, o primeiro regresso em 538, sob Sesbazer, filho do ex-rei Joaquim, foi um fracasso, pois os judeus pobres, que haviam sido deixados para trás, os *am ha-arez*, resistiram a ele, e em conjunto com os samaritanos, os edomitas e os árabes impediram os colonos de construir muralhas. Um segundo esforço, com o inteiro apoio de Dario, filho de Ciro, foi feito em 520 a. C., sob um líder oficial, Zorobabel, cuja autoridade como descendente de Davi foi reforçada por sua nomeação para governador persa de Judá. A Bíblia relata que 42.360 exilados regressaram com ele, inclusive um grande número de sacerdotes e escribas. Foi essa a entrada em cena de Jerusalém da nova ortodoxia judaica, que circundava um centro centralizado, singular, e sua devoção legal. (...) Ela foi reforçada por uma terceira leva, dirigida por Esdras, sacerdote e escriba de grande cultura e autoridade, que tentou mas não conseguiu resolver os problemas legais causados por heterodoxia, casamentos mistos e litígios sobre propriedade de terras. Finalmente, em 445 a.C., uniu-se a Esdras um poderoso contingente encabeçado por um judeu proeminente e importante funcionário persa chamado Neemias, a quem foi outorgado o governo de Judá e a autoridade de construir ali uma unidade política independente no interior do império.” (JOHNSON, 1995, pp. 95-6).

¹⁶ Sobre “o Dia do Nascimento do Judaísmo”, ver caps. 8-12 do livro de Neemias, nos *Livros Históricos do Antigo Testamento*.

¹⁷ „Als das Reich zusammenbrach, waren im Stand der Priester die Elemente vorhanden zur Organisation der “Gemeinde”. Die Bräuche und Ordnungen waren in der Hauptsache da: sie wurden systematisiert, als Mittel zur Herstellung einer Organisation *des Reste* (...).” (NIETZSCHE, 1980, Fr. 11[377], Band XIII, p. 169).

¹⁸ “A rigorosa síntese de Wellhausen, que tanto influenciou e influencia ainda a exegese, dividia a história do sacrifício israelita em três períodos: Em um *primeiro período*, que vai até a reforma de Josias em 621 a.C., preocupava-se muito pouco com os ritos: cuidava-se menos em saber como se oferecia um sacrifício do que saber a quem se oferecia. Era suficiente que o sacrifício, qualquer que fosse o rito, fosse oferecido a Iahvé e a ele agradasse. Havia então só dois tipos de sacrifício, o holocausto e o sacrifício de comunhão, e este último era o mais freqüente. Tal seria a situação que apresenta as partes antigas dos livros históricos, os profetas dos séculos VIII e VII e também as passagens javistas e heloístas do Pentateuco. A reforma de Josias abre um *segundo período*. O ritual dos sacrifícios não aparece aí alterado, salvo um ponto essencial: todos os sacrifícios deviam ser oferecidos no Templo de Jerusalém; a unidade do santuário obrigou à unificação do ritual. Este foi o passo decisivo na sistematização dos diversos costumes que existiam anteriormente nos lugares altos e nos santuários provinciais. Tal é o estado de coisas refletido no deuteronômio. *A partir do exílio, tendências novas se manifestam e, entre elas, uma grande preocupação com o ritual*. Isto aparece primeiro em Ezequiel que descreve os ritos que serão observados no culto restaurado, e que insiste na *idéia de expiação*. Ele introduz dois sacrifícios desconhecidos dos textos antigos: o *sacrifício pelo pecado* e o *sacrifício de reparação*. Essas tendências resultam, em muitas etapas, na redação final do Código Sacerdotal, no qual se acham todos os textos relativos ao culto sacrificial” (VAUX, 2004, pp. 462-3, *grifo nosso*). Sobre esta teoria que afirma que os sacrifícios de expiação foram repentinamente introduzidos apenas a partir do período exílico, diz ainda Vaux: “há, pois, certo número de argumentos convergentes que autorizam admitir que os sacrifícios expiatórios existiam sob a monarquia, mas deve-se reconhecer que eles eram menos freqüentes que o holocausto e o sacrifício de comunhão. (VAUX, 2004, p. 468).

¹⁹ A queda de Jerusalém marca o fim das instituições políticas de Israel. A Judéia será daí em diante parte integrante dos impérios neobabilônico, persa, selúcida, que lhe imporão o estatuto habitual de suas províncias e, quando os hasmoneus reivindicarem o título de reis, estarão ainda sob tutela (...). Nos limites da autonomia religiosa e cultural que ainda conservam [após o exílio], os judeus constituem uma comunidade religiosa, *regida por sua lei religiosa*, sob o *governo de seus sacerdotes*. (VAUX, 2004, p. 124, *grifo nosso*).

²⁰ O livro de Esdras traz sua genealogia, vinculando sua ascendência ao “sumo sacerdócio”: “(...) no reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, chegou Esdras, filho de Saraías, filho de Azarias, filho de Helcias, filho de Selum, filho de Sadoc, filho de Aquitob, filho de Amarias, filho de Azarias, filho de Maraiot, filho de Zaráias, filho de Ozi, filho de Boci, filho de Abisue, filho de Finéias, filho de Eleazar, filho do *sumo sacerdote* Aarão.” (ESDRAS, 2006, cap. 7. vv. 1-5, p. 635, *grifo nosso*).

Apenas para retomar o fio condutor oferecido pelas indicações de Nietzsche, verifiquemos, antes, o que diz o filósofo sobre o mencionado processo:

(...) Javé, o deus da “justiça” — não mais uma unidade com Israel, expressão do amor-próprio de um povo: apenas um deus sujeito a condições... *Seu conceito torna-se um instrumento nas mãos de agitadores sacerdotais*, que passam a interpretar toda *felicidade* como *recompensa*, toda *infelicidade* como *castigo por desobediência* a Deus, como “pecado”: a mendacíssima maneira de interpretar de uma suposta “ordem moral do mundo”, com a qual o conceito natural de “causa” e “efeito” é definitivamente virado de cabeça para baixo. (NIETZSCHE, 2007, p. 31).

Acerca deste mecanismo de pensamento que interpreta toda felicidade sob o signo da recompensa, toda infelicidade sob o signo do castigo, pode-se dizer que ele se torna uma característica expressa do culto israelita, o qual “terá, em graus diversos segundo seus atos particulares e as etapas de sua evolução, um objetivo de *purificação* e *expição*.” (VAUX, 2004, p. 310, *grifo nosso*). Um relato ilustrativo dessa peculiar relação de causalidade forjada entre culpa e infelicidade encontra-se numa cerimônia expiatória, reservada apenas aos descendentes da linhagem de Israel, relatada no cap. 9 do livro de Neemias. O salmo se inicia com a evocação das intervenções de Iahweh em favor de Israel na história, ainda que este último não lhe tenha sido inteiramente fiel, o que converge, ao mesmo tempo, para uma celebração e evocação dos atos de *piiedade* de Iahweh:

E agora, ó nosso Deus,
tu que és o Deus grande, poderoso e temível,
que manténs a aliança e o amor,
não olhes com indiferença toda esta tribulação
que se abateu sobre nós, nossos reis, nossos chefes,
nossos sacerdotes, nossos profetas e todo o teu povo,
desde o tempo dos reis da Assíria
até o dia de hoje,
Tens sido justo em tudo o que nos sucedeu,
pois mostraste tua fidelidade,
enquanto *nós* agíamos mal.
Sim, nossos reis, chefes, sacerdotes
e nossos pais não seguiram tua Lei,
nem prestaram atenção aos teus mandamentos e às
obrigações que lhes impunhas.
Logo que chegaram a seu reino,
entre os grandes bens que lhes concedias,
e na terra vasta e fértil
que puseste diante deles, não te serviram
nem se apartaram das suas ações más.
Eis que estamos hoje escravizados
e *eis* que na terra que havias dado a nossos pais
para gozarem de seus frutos e de seus bens,
nós estamos na escravidão.
Seus produtos enriquecem os reis,
que nos impuseste, *pelos nossos pecados*,
e que dispõe a teu arbítrio de nossas pessoas e de
nosso gado.

Achamo-nos em grande aflição. (NEEMIAS, 2006, cap. 9, vv. 33-37, p. 653, *grifo nosso*).

Na passagem citada, que compõe as partes finais deste salmo penitencial, podemos atestar um relato claro daquele procedimento de interpretação que atribui aos atos de desvio dos dirigentes de Israel²¹ – que não teriam obedecido à Iahweh²² – a causa e o sentido do estado de anarquia e sofrimento que se abateu sobre o povo com a queda de Jerusalém e a dissolução da unidade de Israel. Com isso, “(...) a *grande* época de Israel tornou-se uma época de declínio; o exílio, a longa desventura transformou-se em eterna *punição* pela grande época (...)” (NIETZSCHE, 2007, pp. 31-2). Nessa peculiar relação de causalidade estabelecida entre *desobediência* e *castigo* o filósofo detecta a manifestação de um gesto de falsificação histórica, do qual o sacerdote se serve para tornar legal uma *interpretação religiosa* de toda a *realidade histórica* de Israel:

²¹ “(...) o rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras: maobitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, pertencentes às nações das quais Iahweh dissera aos israelitas: “Vós não entrareis em contato com eles e eles não entrarão em contato convosco; pois, certamente, eles desviariam vossos corações para seus deuses.” Mas Salomão se ligou a elas por amor; teve setecentas mulheres princesas e trezentas concubinas, e suas mulheres desviaram seu coração. Quando ficou velho, suas mulheres desviaram seu coração para outros deuses e seu coração não foi mais todo de Iahweh seu Deus, como o fora o de Davi, seu pai. Salomão prestou culto a Astarte, deusa dos sidônios, e a Malcom, a abominação dos amonitas. Fez o mal aos olhos de Iahweh, e não lhe foi fiel plenamente, como seu pai Davi. Foi então que Salomão construiu um santuário para Camos, a abominação de Moab, na montanha a leste de Jerusalém, e para Moloc, a abominação dos amonitas. Fez o mesmo para todas as suas mulheres estrangeiras, que ofereciam incensos e sacrifícios aos seus deuses.” (REIS 1, 2006, cap. 11, vv. 1-8, p. 486). A denúncia e irrupção contra desvios cometidos pelos reis e dirigentes de Israel já se manifestam na época dos profetas. “Ezequiel insistiu, como Oséias, Isaías e Jeremias, em que as calamidades que afligiram os judeus resultavam direta e inescapavelmente de uma infração pecaminosa à Lei.” (JOHNSON, 1995, p. 92), também no reinado Ezequias (716-687): “Foi ele que aboliu os lugares altos, quebrou as estelas, cortou o poste sagrado, e reduziu a pedaços a serpente de bronze que Moisés havia feito (...)” (REIS 2, 2006, cap. 18, v. 4, pag. 532); e no reinado de Josias (640-609), responsável pela reforma religiosa que se sucedeu com a descoberta do livro da Lei: ele “(...) profanou os lugares altos situados diante de Jerusalém, ao sul do monte das Oliveiras, e que Salomão, rei de Israel, tinha construído para Astarte, abominação dos sidônios, e para Camos abominação dos maobitas, e para Melcom, abominação dos amonitas. Quebrou as estelas, cortou os postes sagrados e encheu de ossos humanos o seu local.” (REIS 2, 2006, cap. 23, vv. 13-14, p. 541).

²² “Em tempos de governo autônomo e de prosperidade, os judeus sempre pareciam atraídos por religiões vizinhas, seja cananita, filistéia-fenícia ou grega. Apenas na adversidade, eles se apegaram resolutamente a seus princípios e desenvolveram seus poderes extraordinários de imaginação religiosa, sua originalidade, sua clareza e seu zelo.” (JOHNSON, 1995, p. 94, *grifo nosso*).

Os sacerdotes realizaram esse milagre de falsificação, cujo documento é boa parte da Bíblia: com inigualável desprezo por toda tradição, por toda realidade histórica, *traduziram em termos religiosos* o próprio passado de seu povo, ou seja, fizeram dele um estúpido mecanismo salvador, de culpa em relação a Javé e castigo, de devoção a Javé e recompensa. Sentiríamos esse infame ato de falsificação histórica de maneira muito mais dolorosa, se a milenar interpretação *eclesiástica* da história não nos tivesse quase embotado para as exigências da retidão *in historicis* [em coisas históricas]. (NIETZSCHE, 2007, pp. 31-2).

O culto israelita, que desde os tempos do exílio ganhara em importância, na época de Esdras e Neemias já está “definitivamente constituído e será aplicado até a queda do Templo” (VAUX, 2004, pp. 462-3). Com efeito, seu “o centro de gravidade (...) é colocado em um âmbito que lhe é estranho, *a moral*.”²³ Sobre esta questão, no cap. 10 do livro de Neemias, na seqüência daquela cerimônia penitencial, pode-se verificar um processo de *compromisso* assumido pela comunidade, através do qual se espera a reparação pelos desvios cometidos pelo povo, tendo como contrapartida a promessa de obediência incondicional às leis e prescrições divinas:

...*Por causa disso tudo*, assumimos um sério compromisso, *por escrito*. No documento selado constam os nomes dos nossos chefes, nossos levitas e nossos sacerdotes... (...) e o resto do povo (...), numa palavra, todos os que se *separaram* dos povos das terras para *abraçarem a Lei de Deus*, e também suas esposas, filhos e filhas, todos os que têm uso da razão, unem-se a seus irmãos e chefes e se comprometem, por impreciação e juramento, a *caminhar segundo a Lei de Deus*, dada pelo ministério de Moisés, o servo de Deus, a *guardar e observar todos os mandamentos de Iahweh* nosso Deus, suas *normas e estatutos*. (NEEMIAS, 2006, cap. 10, v. 1 e vv. 29-30, p. 654, *grifo nosso*).

A assunção de um contrato baseado no texto escrito “significava uma versão oficial, autorizada e verificada. E isso, por sua vez, significava classificar, selecionar e editar a vasta literatura de história, política e religião que os judeus já haviam acumulado.” (JOHNSON, 1995, p. 97). Este pacto assumido pelo povo, através do qual se espera uma *reconciliação*²⁴ com Deus, manifesta a

²³ „(...) das Schwergewicht des Cultus in ein ihm Fremdes Reich, die Moral verlegt (...)” (NIETZSCHE, 1980, Fr. 11[377], Band XIII, p. 169).

²⁴ “A partir do ato solene através do qual Josias introduziu a lei, a idéia de fechar uma aliança entre Iahweh e Israel passou a ocupar o centro da reflexão religiosa. Tanto o exílio babilônico como o assírio, contribuíram para que se fizesse familiar a idéia de condicionalidade, da rescisão eventual.”
[„Seit dem feierlichen Akt, durch den Josia das Gesetz einführt, trat Idee der Bundschließung zwischen Jahve und

característica fundamental da relação que agora se estabelece com a Lei: “(...) a Torá de Iahweh, que originariamente era, como toda sua obra, uma ajuda, um fazer justiça, um mostrar o caminho, um solucionar problemas intrincados, se converteu em um compêndio de *suas exigências*.”²⁵ Nietzsche avalia a vigência assumida por este procedimento de pensamento como um instrumento de poder através do qual a casta sacerdotal judaica, no decisivo papel que desempenhou para a conservação da identidade de Israel no período pós-exílico, teria também tirado proveito para ascender ao poder e determinar a ordem e o valor das coisas na esfera de influência do judaísmo, isto é, onde sua autoridade vigorava:

(...) uma espécie parasitária de homem, que prospera apenas à custa de todas as formas saudáveis de vida, o *sacerdote*, abusa do nome de Deus: ao estado de coisas em que o sacerdote define o valor das coisas ele chama “reino de Deus”; com frio cinismo ele mede os povos, as épocas, os indivíduos, conforme beneficiem ou contrariem a preponderância do sacerdote. (NIETZSCHE, 2007, p. 32).

O parasitismo do sacerdote – ao qual Nietzsche dedica páginas polêmicas em obras como *a Genealogia* e *O Anticristo* –, está em correspondência com a principal função exercida por esta figura no contexto das reflexões do filósofo: “o sacerdote desvaloriza, *dessa* a natureza: é a este custo que ele existe.” (NIETZSCHE, 2007, p. 33). Precisamente assim é que ele “abusa do nome de Deus”, a saber, determinando o que é o seu “reino” e a ele opondo toda natureza, sobretudo aquela encarnada pelos povos pagãos, contra os quais ele se coloca.

No livro de Esdras, podemos encontrar um relato que ilustra claramente este momento no qual a “pureza” do povo santo é predicada como condição indispensável para uma boa relação entre Iahweh e seu povo. Diante da notícia de que o povo de Israel, os sacerdotes e os levitas haviam despedido as filhas dos “povos da terra”, Esdras expressa, diante do “Templo de Deus”, sua perplexidade e preocupação com a pureza da raça:

Ora, depois de tudo o que nos aconteceu por causa de nossas más ações e por causa da nossa *grande culpa* — embora tu, ó nosso Deus, tenhas reduzido o peso de nossas iniquidades e nos tenhas deixado os sobreviventes que aqui estão! — poderíamos ainda violar teus mandamentos e nos aliar a esta gente

Israel in die Mitte der religiösen Reflexion. Das babylonische wie das assyrische Exil hat beigetragen, daß man sich mit der Idee der Bedingtheit der eventuellen Lösung vertrat machte.“] (NIETZSCHE, 1980, Band XII, Fr. 11[377], p. 169).

²⁵ “Die Thora Jahves, ursprünglich wie all sein Thun ein Helfen, ein Rechtschaffen, Wegweisen, Lösen verwickelter Probleme wuede Inbegriff seiner Forderungen.” (NIETZSCHE, F. 7, Band XIII, Fr. 11[377], p. 169).

abominável? Não te irritarias contra nós até nos aniquilares, sem deixares resto nem sobreviventes? (Esdras, 2, 9, vv. 13-15, p. 639, *grifo nosso*).

Neste ponto, pode-se dizer que “a reativação dos valores da tradição hebraica só ganha sentido a partir da desvalorização do não-hebreu, isto é, a partir de uma oposição ao “mundo” e de uma inversão (*Umkehrung*) radical de perspectivas de valor.” (GIACCOIA, 1997, p. 61). Sobre este processo e inversão e desvalorização dos valores, promovido pela casta sacerdotal judaica, esta oposição ao mundo estabelecida como a distinção e peculiaridade do “povo santo”, diz Nietzsche:

Na história universal, os grandes odiadores sempre foram sacerdotes, também os mais ricos de espírito — comparado ao *espírito de vingança sacerdotal*, todo espírito restante empalidece. A história humana seria uma tolice, sem o espírito que os impotentes lhes trouxeram — tomemos logo o exemplo maior. Nada do que na terra se fez contra “os nobres”, “os poderosos”, “os senhores”, “os donos do poder”, é remotamente comparado ao que *os judeus* contra eles fizeram; os judeus, aquele povo de sacerdotes que soube desferrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através de uma radical tresvaloração dos valores deles, ou seja, por um ato *da mais espiritual vingança*. Assim convinha a um povo sacerdotal, o povo da mais entranhada sede de vingança sacerdotal. Foram os judeus que com apavorante coerência ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais profundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, “os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofrendores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem aventurança — mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...” (NIETZSCHE, 1998, pp. 25-6, *grifo nosso*).

Isto sugere que os meios escolhidos e estabelecidos pelo sacerdote judeu no exercício de seu poder, em face das possibilidades de intervenção e influência emergentes daquela reinterpretação religiosa da realidade histórica de Israel, ao centralizar a vida religiosa no culto, ao se apropriar deste âmbito para inserir preceitos sacerdotais²⁶, isto é, preceitos de uma vida “santa”, ascética, funcionam também como um instrumento

²⁶ “a observância dos mandamentos referentes à pureza corporal tinha uma significação maior e mais decisiva que o grande culto público, e conduziu diretamente ao ideal da santidade e do sacerdócio universal.”

[„die Beobachtung der Gebote der leiblichen Reinigkeit war von größerer durchgreifender Bedeutung als große öffentliche Cultus und führte auf geradem Wege zum Ideal der Heiligkeit und des Allgemeinen Priesterthums”] (NIETZSCHE, F. 1980, Band XIII, Fr. 11[377], p. 169).

de disciplina²⁷ capaz de semear e cultivar um “caráter sacerdotal da alma”, um “tipo”²⁸ – no sentido estrito em que Nietzsche se utiliza deste termo. Este traço típico de caráter criado pelo sacerdote apóia-se, pois, no entrelaçamento por ele estabelecido entre a *obediência* aos preceitos divinos, que constitui o único terreno sobre o qual poderia então se apoiar a reativação da tradição hebraica, e na obediência ao próprio sacerdote²⁹, cuja autoridade tem por base a crença numa suposta “ordem moral do mundo”³⁰. Com isso, “toda a vida [praxe judia] foi comprimida a um determinado caminho sagrado; havia sempre um preceito divino a ser cumprido, e, por pensar nisso, um homem se privava de seguir os desejos e vontades de seu próprio coração.”³¹ Mas, mais do que isso, este movimento de inversão e desnaturação dos valores, por expressar a oposição da aristocracia judaico-sacerdotal frente à aristocracia guerreira dos povos da terra, por se constituir como uma antítese daquilo que neles era expressão de força e poder, teve também de promover uma insidiosa e astuta desvalorização dos valores naturais por aqueles engendrados³². “Na sua impotência,” diz o filósofo,

²⁷ “(...) na teocracia Mosaica, o culto se tornou um instrumento pedagógico da disciplina.” [“(...) in the Mosaic theocracy the cultus became a pedagogic instrument of discipline.”] (WELLHAUSEN, 1994, p. 431).

²⁸ “(...) *Dentro* do judaísmo, onde não foi sentida a necessidade das “obras” (isto é, como separadas do exterior) poderia ter sido concebido um tipo sacerdotal de homem que se comportava, com relação à aristocracia, como “natureza distinta”; um sem casta e como que um espontâneo caráter sacerdotal da alma, que então, para distinguir-se radicalmente de seu contrário, não colocou, a partir de si, o valor nas “obras”, mas no “modo de pensar” ...”

[“(...) *innerhalb* des Judenthums, wo die Nothwendigkeit der “Werke” nicht empfunden wurde (nämlich als Abscheidung gegen Außen) konnte eine priesterliche Art Mensch concipirt werden, die sich verhält wie die “vornehme Natur” zum Aristokraten; eine kastenlose und gleichsam spontane Priesterhaftigkeit der Seele, welche nun, um ihren Gegensatz scharf von sich abzuheben, nicht auf die “Werke”, sondern die “Gesinnung” den Werth legte ...”] (NIETZSCHE, F. 1980, Band XII, Fr. 10[79](200), p. 500).

²⁹ “A desobediência a Deus, isto é, à Lei, recebe então o nome de pecado; os meios de “reconciliar-se com Deus” são, como é de se esperar, meios com os quais a sujeição ao sacerdote é garantida ainda mais solidamente: apenas o sacerdote “redime”...” (NIETZSCHE, 2007, p. 33).

³⁰ “O que significa “ordem moral do mundo”? Que existe, de uma vez por todas, uma vontade de Deus quanto ao que o homem tem e não de fazer; que o valor de um povo, de um indivíduo, mede-se pelo tanto que a vontade de Deus é obedecida; que nas vicissitudes de um povo, de um indivíduo, a vontade de Deus mostra ser *dominante*, isto é, punitiva e recompensadora, segundo o grau de obediência.” (NIETZSCHE, 2007, p. 32).

³¹ “the whole of life was compressed into a certain holy path; there was always a divine command to be fulfilled, and by thinking of it a man kept himself from following after the desires and lusts of his own heart.” (WELLHAUSEN, 1994, p. 431).

³² “Já se percebe com que facilidade o modo de valorização sacerdotal pode derivar daquele cavalheiresco-aristocrático e

“o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa” (NIETZSCHE, 1998, p. 25). E aqui se apresenta um dos temas mais importantes da “psicologia do sacerdote” levada a cabo por Nietzsche, a saber, o *ressentimento*, a partir do qual, segundo o filósofo, teria se originado e se instituído o modo de valoração judaico-sacerdotal e, através deste, a própria rebelião escrava na moral:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava [sacerdotal] diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” — e *este* Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores — este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si — é algo próprio do ressentimento, a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto — sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1998, pp. 28-9).

Como bem nos lembra Deleuze, em Nietzsche “a filosofia crítica tem dois movimentos inseparáveis: referir todas as coisas e toda origem de alguma coisa a valores; mas também referir esses valores a algo que seja sua origem e que decida sobre seu valor.” (DELEUZE, 1976, p. 2). Assim, no começo de nossa exposição indicamos a necessidade de uma crítica dos valores morais cristãos que se instaura com pensamento de Nietzsche, e indicamos também a hipótese do filósofo para levar a cabo um tal empreendimento, segundo a qual o Cristianismo não é contrário ao “instinto judeu”, mas representa, antes, a consumação e radicalização do mesmo. Tendo em vista isso, orientamos o desenvolvimento desta exposição com vistas a um esclarecimento acerca de alguns aspectos centrais que caracterizam e dão sentido às reflexões genealógicas do filósofo.

depois desenvolver-se em seu oposto, em especial isso ocorre quando a casta dos sacerdotes e a dos guerreiros se confrontam ciumentamente, e não entram em acordo quanto às suas estimativas. Os juízos de valor cavaleiresco-aristocrático têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo o que envolve uma atividade robusta, livre, contente. O modo de valoração nobre-sacerdotal — já o vimos — tem outros pressupostos: para ele a guerra é mau negócio! Os sacerdotes são, como sabemos, *os mais terríveis inimigos* — por quê? Porque são os mais impotente.“ (NIETZSCHE, 1998, p. 25).

Contudo, o percurso feito até aqui se restringe a um olhar mais próximo acerca das hipóteses e pressupostos históricos e teóricos, sobre os quais se apóia e se justifica a estratégia de investigação adotada pelo filósofo. Porém — e em conformidade com os propósitos de nosso trabalho —, nossa exposição se limitou a jogar luz apenas sobre aquilo que constitui o terreno judaico do qual provêm a moralidade cristã, um solo [*Herkunft*], como se vê, baixo³³, antinatural, antitético, envenenado pelo espírito do ressentimento judaico-sacerdotal. Outra coisa seria, portanto, uma análise acerca dos valores morais cristãos pensados em referência a baixez de sua origem, isto é, a partir do terreno judaísmo. De acordo com Nietzsche, a emergência histórica dos valores morais cristãos não representa senão o coroamento do “espírito de vingança” judaico-sacerdotal, o Cristianismo mesmo aparece apenas como o produto “do espírito do ressentimento, não, como se crê, do “espírito” — um antimovimento em sua essência, a grande revolta contra a dominação dos valores *nobres*” (Nietzsche, 2008, p. 93, *grifo meu*). Assim, um aprofundamento e desenvolvimento desta problemática trazida por nossa exposição poderia se orientar no sentido de uma compreensão acerca do modo como o Cristianismo paulino faz vingar esta origem, radicalizando aquele mecanismo da culpa e, através de uma interpretação teológica da morte de Cristo, tornando irreparável a dívida com Deus, a qual, a partir de então, deixa de ser uma dívida apenas dos judeus, para se tornar uma dívida de toda a humanidade:

No fundo, tratava-se novamente de *impor* um determinado tipo de alma, como que *uma revolta no interior de um povo sacerdotal* — um movimento pietista vindo de baixo (pecadores, publicanos, mulheres enfermas). Jesus de Nazaré foi o símbolo no qual *se reconbeceram*. E novamente, para poder acreditar em si, foi preciso uma *transfiguração teológica*: nada menos que “o filho de Deus” *lhes faz falta* para poder acreditar em si... E exatamente assim como os sacerdotes falsificaram toda a história de Israel, assim foi feita aqui, *uma vez mais*, a tentativa de falsificar toda a história da humanidade, afim de que o cristianismo *pudesse* aparecer como seu acontecimento cardinal. Este movimento só podia medrar no terreno do judaísmo:

³³ “A avaliação se define como elemento diferencial dos valores correspondentes: o elemento crítico e criador ao mesmo tempo. As avaliações, referidas a seu elemento, não são valores, mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente de princípios para os valores em relação aos quais eles julgam. Por isso temos sempre as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função de nossa maneira de ser ou de nosso estilo de vida. Há coisas porém que só se pode dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode crer com a condição de avaliar “baixamente”, de viver e pensar “baixamente”. Eis o essencial: *o alto e o baixo, o nobre e o vil* não são valores, mas representam o elemento diferencial do qual devida o valor dos próprios valores.” (DELEUZE, 1976, p. 1).

cujo feito principal foi entrelaçar *culpa e infelicidade* e reduzir toda culpa a *culpa diante de Deus: disso é o cristianismo a "segunda potência"*.³⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADIE, F. **O Livro de Esdras e de Neemias**; tradução de José Maria da Costa Villar. – São Paulo: Paulus, 1998.

CHOURAQUI, A. **História do judaísmo**; tradução de Marly Czaczkes Chaves. – São Paulo: Ed. Difusão Européia do Livro, 1963.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia**; tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffity Dias. – Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

ESDRAS. **Antigo Testamento: Livros Históricos**, In: *Bíblia de Jerusalém* – São Paulo: © PAULUS – 2006.

GIACOIA, O. **Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral** – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

JOHNSON, P. **História dos Judeus**; tradução de Henrique Mesquita e Jacob Voltzon Filho. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

KLEIN, W. R. **Israel no Exílio: uma interpretação teológica**; tradução de Edwino Royer. – São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

NEEMIAS. **Antigo Testamento: Livros históricos**, In: *Bíblia de Jerusalém* – São Paulo: © PAULUS – 2006.

³⁴ „Im Grunde handelte es sich wieder darum, eine *bestimmte Art Von Seele* „durchzusetzen“, gleichsam ein *Volks-Aufstand innerhalb* eines priesterlichen Volkes, - eine pietistische Bewegung von Unten (Sünder Zöllner Weiber Kranke). Jesus von Nazareth war das Zeichen, an dem sie sich *erkannten*. Und wieder, um an sich glauben zu können, brauchen sie eine *theologische Transfiguration*: nichts Geringeres als “der Sohn Gottes” thut ihnen Noth, um sich Glauben zu schaffen... Und genau so, wie die Priesterschaft die ganze Geschichte Israels verfälscht hatte, so wurde nochmals der Versuch gemacht, überhaupt die Geschichte der Menschheit hier *umzufälschen*, damit das Christenthum als sein carnalstes Ereigniß erscheinen könne. Diese Bewegung konnte nur auf dem Boden des Judenthums entstehen: dessen Hauptthat war, *Schuld und Unglück* zu verflechten und alle Schuld auf *Schuld an Gott* zu reduzieren: *davon ist das Christenthum die „zweite Potenz“*“ (NIETZSCHE, F. 1980, Band XII, Fr. 10[79](200), p. 500).

NIETZSCHE, F. **Sämtlich Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)**. G. Colli e M. Montinari. Walter de Gruyter, Berlin-New York, 1980.

_____ **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo**; tradução, notas e posfácio: Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____ **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**, tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____ **Genealogia da Moral: uma polêmica**, tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____ **O Anticristo: maldição ao cristianismo**, tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REIS I e II, **Antigo Testamento: Livros Históricos**, In: *Bíblia de Jerusalém* – São Paulo: © PAULUS – 2006.

ROCHA, R. **Sobre o problema da moral no pensamento de Nietzsche**. In: *FILOGENESE*: Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia, v. 2, n. 2, p. 27–41, 2009. Disponível em: [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//RodrigoRocha\(27-41\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//RodrigoRocha(27-41).pdf)

SAMUEL II. **Antigo Testamento: Livros Históricos**, In: *Bíblia de Jerusalém* – São Paulo: © PAULUS – 2006.

VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**; tradução de Daniel de Oliveira – São Paulo: Vida Nova, 2004.

WELLHAUSEN, J. **Prolegomena zur Gechichte Israels** – Berlin-New York: de Gruyter, 2001. (De Gruyter-Studienbuch).

_____ **Prolegomena to the History of Israel**. Translated from the German, under the author’s supervision, by J.Sutherland Black, M.A. and Allan Menzies, B. D. 1994. Versão eletrônica: http://www.4shared.com/file/55164705/f579f0ee/Julius_Wellhausen

ⁱ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Contato: rocha_unesp@yahoo.com.br